

## **Uma escrita dramatúrgica que projeta o ritmo e os espaços das cidades**

Ana Carolina Paiva

Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas PPGAC- UNI RIO

Pesquisadora - Doutora em Artes Cênicas- Uni Rio

Na leitura e análise dos diálogos criados pelo autor pernambucano Joaquim Cardozo, verifica-se que a ideia de espaço cênico está diretamente relacionada com o espaço circular da praça, ambiente próprio do espetáculo popular, onde a palavra, tornada voz, se movimenta pelos mais variados espaços físicos e alegóricos que são descritos nas seis peças do autor. A palavra enunciada aglutina em si o espaço cênico, o espaço dramático e o espaço textual, já que nos próprios diálogos se instalam o ritmo, a fluidez, o improviso e o movimento itinerante encontrado no espaço das praças, das ruas e das feiras, e é através destes espaços que são descritos tanto os acontecimentos do presente quanto aqueles oriundos de outros tempos e de outros lugares que se presentificam no anúncio do texto.

Os diálogos forjados pelo autor são pontuados pelas mais variadas convenções estabelecidas no espaço social público como forma de espetacularização. Destacamos: a linguagem de cordel, o coro de Cantadeiras, a intervenção de orquestra musical, a concepção dos personagens com base em tipos característicos, a movimentação específica com correrias, bailados, cortejos e a invasão do espaço da recepção.

Entendemos que esta matéria-prima espetacular, proveniente dos espaços públicos e formada por significações simbólicas ancestrais e universais, foi apropriada e transformada nas representações públicas - teatrais ou parateatrais - e sua essência, que além de simbolismos é também composta de convenções estéticas, se revela nos textos teatrais do autor brasileiro.

Em verdade, o autor cria camadas em seus diálogos nos quais é possível para o leitor-espectador sentir a pulsão física dos personagens, seus gestos, sua movimentação pelos espaços, sua ação no mundo, concentrando o foco das cenas no anúncio dos diálogos, fazendo com que as imagens do significante se projetem na leitura. Ainda que silenciosa, a leitura desperta sensações de espacialidade e sonoridade somente encontradas quando a palavra se descola da perspectiva gráfica e adquire o estatuto de voz, como na literatura oral.

O conteúdo do discurso é debatido através de uma palavra que é construída para o espaço da cena, não para o espaço do texto. Contudo, é no próprio texto que são percebidas camadas extra-literárias, de onde se deduz que no grafismo das palavras construídas no teatro desse autor encontra-se ainda vivo e pulsante o alvoroço da praça pública.

O processo da escrita de Cardozo se apresenta como presentificação das reminiscências de alguns espaços públicos por intermédio da escrita e, além das convenções

já destacadas, o autor trabalha primordialmente com duas convenções de espaço pertencentes à esfera pública: o movimento circular e o movimento de cortejo ou procissão.

No que toca à prática mental de pensar a transferência de alguns espaços públicos para dentro dos diálogos teatrais de Cardozo, deparamo-nos com as teorias relativas à fenomenologia do lugar. O fenomenólogo Christian Norberg-Schulz introduz nos seus debates sobre arquitetura a antiga noção romana do *genius loci*, que se resume no argumento de que cada lugar possui um espírito próprio que guarda relações com o sagrado.

O autor destaca que na Roma Antiga acreditava-se que todo o ser independente possuía um espírito guardião - conhecido como *genius* - que dava vida às pessoas e aos lugares, acompanhando-os do nascimento à morte. Norberg-Schulz acrescenta que os antigos prezavam a prática de entrar em acordo com o *genius* da localidade onde viviam, pois a sua sobrevivência dependia de uma boa relação com o lugar, no sentido físico e psíquico. (NORBERG-SCHULZ. In: NESBITT (org), 2006: p. 454).

Nesse sentido, na noção ampla de espaço encontra-se intrínseca sua organização tridimensional e sua atmosfera. A atmosfera de um lugar, que de nenhum modo é marcada pela concretude deste lugar, mas principalmente por sua essência, pode se perpetuar por um processo mnemônico e vir a habitar as mentalidades.

Dentro do espaço urbano este espírito é capaz de se deslocar em determinadas ocasiões, gerando uma magia específica que se apropria de certas áreas da cidade, segundo estudo da pesquisadora Evelyn Furquim Werneck Lima (LIMA, 2000: p. 21).

Werneck Lima identifica que algumas praças e ruas, outrora centros de vivência e integração, transformaram-se em zonas de passagem (LIMA, 2000: p. 309). Contudo, a autora esclarece, ao longo de seu estudo, que o *espírito do lugar* público presente nas praças focalizadas em sua pesquisa não se dissipa completamente diante da ausente efemeridade do evento público que era, digamos, o que dava vida àqueles espaços públicos.

Entendemos, pois, que a essência simbólica da praça e igualmente das ruas e feiras permanece até os dias atuais, mesmo que hoje estes espaços estejam relegados a lugares de passagem. Desse modo, ainda apresentam resquícios de um *genius loci* da espetacularidade pública que costumava revelar-se por meio dos gestos e das palavras de uma variedade de personagens públicos que passavam por estes lugares, apresentavam-se para uma plateia e cumpriam um ritual de espetacularização dentro destes espaços que estava completamente fora das regras e das convenções do espaço teatral oficial.

A discussão sobre a permanência de alguns espaços públicos, ainda que no plano do simbólico, como espaços de transgressão e resistência histórica, dá sustentáculo à nossa teorização sobre a migração destes espaços e todo o seu conteúdo estético e ideológico para os diálogos de Joaquim Cardozo, que trabalha conteúdos ideológicos contemporâneos dentro

do suporte de uma palavra que integra os espaços simbólicos do universo cosmológico medieval.

O teatro sempre esteve intimamente ligado aos avanços e recuos da sociedade e a relação entre a espetacularização nos espaços públicos e a sociedade é fundamental e constante. Sendo assim, o teatro oferece subsídios para alimentar a sociedade e vice-versa. Acrescentamos a isso a discussão do conceito de espaço para Gropius, que revela as teorizações sobre espaço, teatro e sociedade da pesquisadora Werneck Lima:

O espaço para Gropius não é nada em si: é uma extensão ilimitada, sem definição. Começa a existir, a delimitar-se, a tomar forma quando vem considerado como dimensão virtual da ação ordinária, projetada, formativa de um grupo social. E por social não se entende a sociedade estratificada, mas poucas ou muitas pessoas que vivem em conjunto uma experiência formativa, seja a que trate dos membros de uma família, dos alunos de uma escola, dos operários de uma fábrica, dos espectadores de um teatro ou dos habitantes de um bairro. (LIMA, 1999: p. 59).

Ao observar o pensamento de Gropius, a pesquisadora sugere que o espaço teatral encontra-se substancialmente comprometido com as transformações da sociedade, razão pela qual ele ultrapassa a dimensão material para alcançar uma dimensão ideológica, podendo refletir na tessitura de um discurso social, capaz de projetar uma trajetória espacial e temporal.

Todas essas perspectivas e discussões teóricas sobre a compreensão do espaço para além de sua compleição geográfica nos remetem à perspectiva de pensar o renascimento de determinados espaços públicos no espaço da palavra. As afirmações abordadas no decorrer desta análise se vinculam à ideia da existência de um espaço retórico das palavras, capaz de envolver tanto a linguagem falada quanto a linguagem escrita. Este tal espaço retórico das palavras torna-as repletas de mobilidade, como um espaço tropológico na acepção de Michel Foucault, *“onde podem encontrar o seu local de origem, deslocar-se, voltar-se sobre si mesmas e desenvolver lentamente toda uma curva.”* (FOUCAULT, 1999: p. 162)

A observação em torno da linguagem revela-nos, partindo do aprofundamento teórico de Foucault, que, dentre todos os signos, a linguagem possui a propriedade de se estender em sonoridades sucessivas opondo-se à simultaneidade da representação, mesmo que se apresente como sonoridade latente através da escrita (FOUCAULT, 1999: p. 162). Num certo sentido, a linguagem sempre vem depois da representação e acrescenta algo novo através da extensão sonora, algo que lhe é inerente, enriquecendo desta forma o objeto de representação que lhe é apresentado.

Nossa reflexão sobre a possibilidade dos espaços públicos serem evocados pela linguagem - oral ou escrita - encontra nas observações de Foucault uma lógica interna que permite associar as teorias sobre espaço com as teorias sobre a linguagem.

Os mitos e os arquétipos do homem público são incorporados às peças de

Cardozo, que acaba por forjar diálogos com grande variedade formal que remetem às convenções próprias da tradição do uso do espaço público: o uso do verso, da repetição, a aplicação de palavras sem sentido, enfim, a construção dialógica prositadamente artificial estimula na palavra uma dimensão que revela ao mesmo tempo o pensamento e o movimento das ruas e das praças. Inserida neste universo, a palavra empregada nos diálogos de Joaquim Cardozo torna-se concomitantemente o elemento gerador da cena e da ação social.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Concepções Espaciais: o teatro e a Bauhaus. In: *O Percevejo Revista de Teatro, Crítica e Estética* (número 7, ano 7). Rio de Janeiro: Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós Graduação em Teatro, Uni Rio, 1999.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura do Espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (org). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965–1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.